



*Protestantismo em Revista* é licenciada sob uma Licença Creative Commons.

## O Fracasso Protestante

### The Protestant Failure

Marcos Kruse\*

#### Resumo

A partir do estabelecimento de relativo consenso protestante em torno da justificação por graça e fé, é feita análise do fracasso protestante em relação à religiosidade contemporânea, em especial o pentecostalismo e neopentecostalismo. Toma-se, como representante geral do protestantismo a vertente luterana do mesmo modo que se toma analiticamente o pentecostalismo em geral. A situação que se impõe reclama modificações importantes na forma pela qual o protestantismo tem portado a doutrina da justificação por fé. Isto se defende porque se admite que, apesar do evidente fracasso do protestantismo, é preciso que este se rearticule eis que, o que está em jogo é maior do que o próprio protestantismo.

#### Palavras-chave

Justificação por fé. Protestantismo e doutrina. Gênese e enfrentamento teológico.

#### Abstract

From the establishment of a relative Protestant consensus on justification by grace and faith, an analysis of the Protestant failure in relation to contemporary religiosity, especially Pentecostalism and Neopentecostalism, is made. The Lutheran term is taken as the general representative of Protestantism in the same way that Pentecostalism is taken in general. The situation that is required calls for important changes in the way in which Protestantism has carried the doctrine of justification by faith. This is defended because it is admitted that, despite the evident failure of Protestantism, it has to be rearticulated, that which is at stake is greater than Protestantism itself.

#### Keywords

Justification by faith. Protestantism and doctrine. Genesis and theological confrontation.

---

[Texto recebido em maio de 2016 e aceito em dezembro de 2016, com base na avaliação cega por pares realizada por pareceristas ad hoc]

\* Perito Judicial, Teólogo, Economista, Bacharel em Direito, Doutorando em Direito pela Universidad Nacional Lomas de Zamora (Argentina) com tese sobre Usura. E-mail: mkruse@mkruse.com.br

## Introdução

Na exegese das Escrituras, uma das importantes chaves da hermenêutica diz respeito à “*desconfiança*” que se deve ter em relação ao texto. Desconfiança aqui não significa pensar que o texto traga uma mensagem errada ou falsa. Desconfiança significa que o leitor há de vasculhar o texto para perceber se algum elemento pode jazer implícito ao que se diz explicitamente. Por exemplo, pode-se desconfiar daqueles textos que explicitamente enaltecem as vitórias porque implicitamente o elogio à vitória oculta o lado da derrota que pode estar nas forças adversárias como também nas fileiras dos que cantam a vitória. Então, o que se destaca é que o texto é sempre um recorte, uma aproximação limitada e de viés determinado sobre algum assunto.

Este é o caso perceptível dos relatos da história latino americana. O texto das *descobertas* espanholas e portuguesas foi produzido pelos conquistadores, com destaque para o caso dos espanhóis, que chegaram vindos da Europa para conquistar e colonizar o novo mundo. Os indígenas ficaram à margem desta história da conquista. Eles são os fracassados, os perdedores que não contaram a história da conquista europeia a partir dos seus olhos. Os índios são os fracassados nesta história latino americana exatamente porque sua história não pautou a narrativa geral de construção das nações que hoje partilham o continente americano. Há, por assim dizer, a questão hermenêutica a ser considerada em qualquer leitura que se faz.

Da exegese aprendemos que é preciso olhar para os textos com *desconfiança*. Diversas obras mais recentes tratam de vasculhar a história para que esta seja recontada pelos olhos dos derrotados, dos fracassados, dos esquecidos. Por essa razão, acabam por surgir diversas obras abordando a outra história, aquela história implícita, que evidencia o subterrâneo, a comunicação por outros modos distintos da fixação dos textos.<sup>1</sup>

Estes novos textos das *outras histórias* se escrevem, por exemplo, como história das mulheres, dos negros, dos sem-história. Em tese é difícil falar de algum grupo como sendo sem-história. Isto porque a história sempre é *com*, nunca como *sem*. Ocorre que aqui se aponta para a dominação da história por meio da dominação da letra, da palavra, do registro. A história se faz pelos grupos dominantes e fica até difícil imaginar-se que os dominados tenham condições de impor sua história. Então, quando se diz *sem-história* quer-se referir aos grupos que não conseguiram verbalizar e impor sua própria trajetória de movimento. A cultura do silêncio,<sup>2</sup> neste sentido, pode até fazer parte do processo de

---

<sup>1</sup> Por exemplo, ZINN, Howard. *La Otra Historia de los Estados Unidos*. Buenos Aires: Siglo veintiuno, 2011; RICCOEUR, Paul. *A Memória, A História, O Esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

<sup>2</sup> Conforme o bem ponderado *insight* de Paulo FREIRE que se lê em diversas obras desde a *Pedagogia do Oprimido*. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003 [1974], 184 pp.

desconfiança hermenêutica. Leio o texto para ver, não apenas o que está escrito como também o que não está.

Deste princípio hermenêutico da desconfiança acabam por surgir, também, novas leituras das Escrituras. Por exemplo, leituras feministas ou populares da Escritura tornam-se jeitos novos de compreender e avaliar o texto que se encontra estático.<sup>3</sup> Jeitos novos de olhar para a letra. O mesmo se pode perceber nos outros grupos de pessoas cuja biografia faz parte do mundo esquecido, oculto, invisível,<sup>4</sup> a exemplo das novas leituras bíblicas sobre a questão da identidade de gênero.<sup>5</sup>

Até aqui, fica claro que existe um jeito de se ler a história e os textos desde um ponto de vista matizado pelos fracassos. Neste sentido, entendo ser oportuno revisitar a história do protestantismo a partir da ótica dos fracassos. Não apenas como ótica hermenêutica que vasculha os equívocos históricos e sim, como analítica crítica de como o protestantismo se articula em teoria e como se manifesta o protestantismo na esfera da práxis.

Por tal sentido hermenêutico, que se coloca de antemão, assumir-se-á a posição de que o protestantismo enquanto projeto histórico de interpretação da fé cristã tenha fracassado. Talvez, seja até o caso de se entender que o fracasso, a derrota seja a maneira mais adequada de se compreender a própria condição protestante mas isto é outra história. Façamos então, a leitura proposta, sempre com grande dose de receio, com o devido tremor e temor esperando que, nesta releitura, não se firam os ânimos e susceptibilidades dos que vivem na condição protestante.

## O Significado da Reforma Protestante

Dizer-se o que vem a ser Reforma do ponto de vista histórico pode até render muitas páginas escritas. Mas, não é este o viés pelo qual se procura compreender o fracasso da Reforma. A história há de ser lida a partir do ponto de partida da atualidade em que, se assume drasticamente que a Reforma tenha fracassado. Então, para proceder a análise do que se propõe, primeiro se faz indagação por algum princípio básico que teria norteado a Reforma. Depois, será possível analisar como é que a Reforma, a partir da assunção de algum princípio básico, tenha se processado ao longo do tempo. Em tal caso, se assume que a história retrata, não a história das adaptações do movimento reformatório e sim, os seus

---

<sup>3</sup> NEUENFELDT, Eliane G. Diálogo entre a Leitura Popular e a Leitura Feminista da Bíblia. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 45, n. 2, p. 117-128, jul./dez. 2005.

<sup>4</sup> É o caso específico da obra de SANELLO, Frank. *Invisible People; History's Homosexuals Unhidden*, Los Angeles: Genesse Avenue Books, 2011. 235 p.

<sup>5</sup> MOBERLY, Elizabeth R. *Homosexuality: A New Christian Ethic*. Cambridge: James Clarke & Co, 1983. 56 p; RETAMERO, Márcio. *Pode a Bíblia Incluir? Por uma Leitura Inclusiva das Sagradas Escrituras*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2010. 80 p.

fracassos que se consolidam historicamente. Há de ser um exercício algo arriscado porque o movimento analítico admite, como ponto de partida, que a coisa tenha fracassado.

### *Consenso Relativo*

Parte-se, portanto, da assunção do fracasso presente para reler a história passada e verificar de que modo a consolidação ocorrida no passado se manifesta como agente que faz a consolidação do fracasso que se admite no presente.<sup>6</sup> Trata-se, então, de um movimento circular. Vamos, pois, adiante assumindo que existe um relativo consenso quanto à Reforma ter-se processado em torno do tema da justificação pela fé.<sup>7</sup>

Trata-se de um consenso relativo, certamente. Relativo porque o movimento reformatório, que inclui as derivações dos dos principais grupos de Reforma, simplesmente aceitou a formulação do princípio evangélico conforme formulado por Lutero em torno da justificação pela fé (Romanos 1,16s). Nem Zwínglio, nem Calvino discordaram de tal princípio e, neste sentido, se pode falar em consenso protestante. No calvinismo, por exemplo, o *sola fide* foi alçado a fundamento doutrinário.<sup>8</sup> Já no protestantismo radical do anabatismo, o princípio foi aceito e, se houve alguma crítica feita é que seria preciso avançar mais em relação ao significado prático de se falar em justificação pela fé somente.

Este consenso de fé, todavia, é relativo porque a formulação teórica do princípio, na prática, gestou diferentes formas de se compreender a teologia relacionada ao princípio. Na verdade, seria melhor falar em consenso teológico teórico e dissenso teológico prático. Afinal de contas, qual é o significado de dizer-se que a justificação se dá pela fé? Basta perguntar qual fé é suficiente para a justificação para se ver como o labirinto de respostas

---

<sup>6</sup> O fracasso que se admite no presente é fácil de ser verificado pela falta de permeabilidade social para o protestantismo histórico. De fato, o protestantismo que se pode ligar visceralmente à Reforma se tornou um “gueto” religioso, oculto nas fendas da sociedade. Luteranos, presbiterianos e anabatistas históricos perfazem pequenos grupos de fiéis, com pouquíssima relevância política e social. Independente desta condição, o fato mais singelo a evidenciar o fracasso do protestantismo se dá pelo regresso numérico. Os protestantes sequer conseguem manter os próprios filhos ligados à fé que professam e não é incomum encontrar ex-protestantes vinculados a fileiras das novas denominações religiosas, notadamente o movimento pentecostal e neo-pentecostal. Em muitos casos, mesmo que haja pertença formal ao protestantismo ocorre pertença informal ao conjunto doutrinário e prático de tais novos movimentos religiosos. Esta ótica que se assume por evidente, sem necessidade de dilação probatória, é evidência altissonante do fracasso histórico.

<sup>7</sup> O tema da justificação por graça e fé que se tornou caro ao Reformador Martinho Lutero foi abraçado tanto por Calvino quanto pelos anabatistas históricos. Os 5 pontos da Reforma calvinista faziam incluir o *sola fide* e o *sola gratia*. Também para os anabatistas, não era possível falar em mensagem evangélica sem o fundamento estabelecido pela fé em Cristo. Este tema de consenso, qual seja, a fé em Jesus Cristo como elemento distintivo do ser cristão e fortemente vinculado à pregação da igreja desde os seus primórdios é o que destaca oportunamente GEORGE, Timothy. *Teologia dos Reformadores*, São Paulo: Vida Nova, 2004 [1988], 339 pp. De fato, “(...) todos os reformadores concordam em que a teologia, desde que verdadeira em si mesma, encontra tanto seu ponto de partida quanto sua meta final no único ‘fundamento’ autêntico, Jesus Cristo, seu Senhor.” (p. 311). Este fundamento hermenêutico que se propõe a leitura da fé como origem e meta do ser cristão é que se encontra solapado em meio ao fracasso.

<sup>8</sup> GUTHRIE JR., Shirley C. *Christian Doctrine*. Atlanta: John Knox Press, 1968. p. 312-328.

aponta para uma enorme dispersão quanto ao consenso que se pretendeu historicamente admitir. Esta dispersão responsiva afetou, não apenas a Reforma como o próprio cristianismo nascente.

De fato, a justificação pela fé era e persiste sendo muito diferente para os principais ramos do protestantismo. Fixemo-nos, todavia, no conceito de justificação por fé que se consolidou na ortodoxia luterana (séculos XVII a XVII) mesmo que, no debate doutrinário mais sério, não haja um dissenso fundamental sobre este tema. Luteranos ortodoxos assumiram a justificação por fé como eixo teológico fundamental, tanto básico quanto crítico da teologia e práxis da igreja. Por este princípio vivia ou morria a Igreja. Na analítica da história da teologia, penso não haver muita discussão teológica dentro do protestantismo quanto ao princípio em si.<sup>9</sup> Notavelmente, até a Igreja Católica Romana entendeu que não haveria razões de fundo para negar que este princípio correspondia aos mais profundos ensinamentos do Evangelho.<sup>10</sup>

### *Petrificação doutrinária*

Especialmente o luteranismo ortodoxo acabou por moldar a Igreja Luterana desde os fundamentos doutrinários da justificação pela fé. Entre os grandes formuladores da alta ortodoxia luterana constam nomes importantes como Johann Gerhard (1582-1637), Johannes Andreas Quenstedt (1617-1688), Martin Moller (1547-1606) e Johann Arndt (1555-1621). Já no século XVIII, a ortodoxia luterana começa a enfrentar os desafios do racionalismo e do pietismo.<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> HÄGGLUND, Bengt. *História da Teologia*. São Leopoldo: Concórdia, 1981. p. 179-243, ao discutir a formação teológica no período moderno, acentua que as diferenças teológicas entre, por exemplo, Lutero e Zwinglio de um lado e Lutero e Calvino estariam dependentes da formação humanista em contraste com a formação de Lutero. Mas, há que salientar-se que o elo comum que une *grosso modo* a reforma continental é a referência a Santo Agostinho. É dentro do próprio luteranismo que se iniciam questionamentos sobre o teor da doutrina da justificação, notadamente com a pregação de Andreas Osiandro de Nürenberg (veja pp. 234ss). SIMONS, Menno, em sua tarefa de reorganização do movimento anabatista em fuga da perseguição, ao escrever *The New Birth*, In: *The Complete Writings*, Ontário: Herald Press, 1956, expressamente vai dizer que as ações humanas não garantem qualquer salvação porque esta, a regeneração significa que “devemos nascer do alto, devemos ser transformados e renovados em nossos corações e devemos ser transplantados de uma injusta e má natureza de Adão para a verdadeira e boa natureza de Cristo [...]” e isto [...] somente pode originar-se da Palavra do Senhor, corretamente ensinada e corretamente compreendida e recebida pelo coração pela fé por meio do Espírito Santo.” (p. 92).

<sup>10</sup> Veja a Declaração Conjunta firmada entre a Igreja Católica Romana e os Luteranos, texto de 1999 disponível em [http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/chrstuni/documents/rc\\_pc\\_chrstuni\\_doc\\_311\\_01999\\_cath-luth-joint-declaration\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/chrstuni/documents/rc_pc_chrstuni_doc_311_01999_cath-luth-joint-declaration_po.html) [Internet], acesso em: 02 maio 2016.

<sup>11</sup> Particularmente não penso que seja possível vincular o pietismo em sua forma original ao luteranismo. De fato, seguindo as pistas e ponderações de WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. 5ª ed. São Paulo: Pioneira, 1987 [1905]. 233 p., não vejo como seja possível conjugar a pregação *conversionista* típica do pietismo à lógica do luteranismo clássico. A entrada para um novo mundo, no sentido *conversionista* é,

O fato é que, em ambas frentes de batalha, tanto do racionalismo quanto do pietismo, a ortodoxia luterana fracassou. Em verdade, não soube manter-se distante do pietismo e tampouco conseguiu articular uma interpretação ortodoxa da fé frente ao liberalismo teológico que dominou a teologia a partir de fins do século XVIII e o século XIX. Tanto diante do pietismo quanto perante o liberalismo teológico, a ortodoxia esboçou tentativas de reação mas, na práxis, acabou sucumbindo ao silêncio na vida da igreja institucionalizada. As grandes catedrais protestantes na Europa são testemunho indelével do fracasso protestante. Neste sentido, o vigoroso protesto de Kierkegaard<sup>12</sup> se mostrou voz isolada, sem qualquer afetação institucional.

Isto significa dizer que, logo nos inícios do Século XX o protestantismo se apresentou como conjunto denominacional consolidado, em grande parte, uma instituição que se erigiu em torno dos seus fundamentos doutrinários representados pelo dístico da justificação pela fé. O protestantismo, *grosso modo*, tinha uma doutrina que marcava o seu eixo fundamental de fé. Conseguiu fixar-se tomando parcelas das fileiras do catolicismo e conseguiu impor sobre a sociedade a liberdade religiosa que garantiria a permanência da ortodoxia doutrinária protestante. Entre as lutas protestantes no Brasil, dada a imigração alemã, se pode ver, curiosamente, que aparecia a luta pelo cemitério e pela forma exterior das casas de culto.<sup>13</sup> Em que pese o luteranismo e calvinismo terem chegado ambos a mais de 80 milhões de fiéis no mundo, fato é que o protestantismo como um todo fracassou já no século XX frente às releituras do calvinismo, notadamente o pentecostalismo e neopentecostalismo. Trata-se de um fracasso que se mostra historicamente e que mantém seus efeitos até o presente.

Agora e ainda, apesar, de considerarmos que a palavra Protestante se refere *lato senso* a um grupo mais amplo de cristãos oriundos do movimento reformatório, fixamo-nos no caso do luteranismo, estes, *protestantes estrito senso*. Esta fixação permitirá que o leitor faça as devidas compensações a respeito do tema para o universo do *protestantismo denominacional*. A leitura dos fracassos é mais ampla que o luteranismo.<sup>14</sup> De igual modo,

---

por outro lado, típico da pregação calvinista, pregação esta que afetou sensivelmente a retórica do pietismo e notadamente dos batistas já nos séculos XVII e XVIII.

<sup>12</sup> Notadamente consulte-se a obra KIERKEGAARD, Sören. *O Desespero Humano*. 6ª ed. Porto: Livraria Tavares Martins, 1979 [1849]. 224 p.

<sup>13</sup> Evidente que tais problemas estavam (e estão) encaixados nas dificuldades históricas de fixação do protestantismo de imigração. Veja FISHER, Joaquim. *A Missão das Igrejas no Brasil 1500-1978* e DREHER, Martin Norberto. *A História da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*, ambos artigos na obra editada por G. Brakemeier *Presença Luterana 1990*, São Leopoldo: Sinodal, 1989. p. 60-75; 94-104. O caso do anabatismo histórico é algo diverso, notadamente pelo pequeno grupo de fiéis que se consolidou em torno da liderança de Meno Simons. É mais representativa a mistura de elementos do calvinismo e do anabatismo na configuração dos batistas. Mas, mesmo que se inclua todas estas denominações de caráter histórico em um mesmo denominador comum, qual seja, de protestantismo histórico, o veredito será comum. O fato é que o protestantismo histórico está estagnado.

<sup>14</sup> Ou seja, lemos os fracassos a partir de exemplos do luteranismo. Mas, equivocada estaria a leitura se aqui fosse o caso de fazer-se uma leitura como se o luteranismo servisse de exemplo do fracasso. Não, o fracasso

quando falo em pentecostalismo e neopentecostalismo, cedo à tentação das injustas generalizações. Falo por atacado de sorte que luteranismo e pentecostalismo são usados como moldes, sem qualquer preocupação com o varejo. Por razões de síntese e de prudência, é melhor limitar a análise de sorte que o leitor esteja bem avisado sobre o teor do que se diz.

### *Os Fracassos Históricos*

A leitura dos fracassos luteranos pode ser bem ilustrada pela sucumbência denominacional ao rito da confirmação. Este rito, verdadeiro troglodita teológico, se interpôs forçosamente perante a ortodoxia luterana como forma de haver alguma sintonia em relação aos apelos do pietismo que já tomara conta da denominação. Trata-se de uma tentativa ritual de *afirmação do batismo*, uma forma de se declarar publicamente a fé perante a congregação. A bem da verdade, o rito da confirmação se encontra descolado da configuração doutrinária que aceitou o batismo de infantes. Isto porque, em tese, ninguém haveria de ser batizado sem fé. Esta fé, ou se aceita como futura (coisa que não é possível deduzir dos ensinamentos de Lutero) ou de outra sorte, se estaria pressupondo, na fala de pais [e padrinhos] que a confessam como pré-requisito do ato batismal, que haveria hora e momento para ser [re]afirmada mesmo que, a rigor, não se faz confirmação de luterano; quase se nasce luterano.<sup>15</sup>

Mas aí, a ortodoxia não conseguiu, frente ao pietismo, desvencilhar-se das idéias de um cristianismo conversionista e teve de “engolir” o rito da confirmação. Há grande confusão aí porque, originalmente se ligava a participação na Ceia do Senhor apenas àquelas pessoas que já haviam sido confirmadas. Ou seja, na prática, negava-se a participação na Ceia do Senhor a batizados coisa que não deixa de ser um completo absurdo.<sup>16</sup>

Atualmente, a confirmação se equaciona num processo confirmatório, num movimento que culmina com a confirmação. Mas aí, fica realmente muito difícil de escapar do juízo de que

---

é do protestantismo em geral e o paradigma ou o jeito de se ler os fracassos se orienta pelo luteranismo. O fracasso não significa qualquer exclusividade ou vantagem luterana.

<sup>15</sup> Veja KRUSE, Marcos. Considerações sobre o batismo à luz do rebatismo e da teologia anabatista. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 40, n. 2, 2000, p. 53-76, jul./dez. 2000. Disponível em: <[http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/689/623](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/689/623)>. Acesso em: 10 maio. 2016. BRAKEMEIER, Gottfried intentou replicar o artigo em Batismo e fé, sobre uma relação polêmica: réplica a Marcos Kruse *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 41, n. 2, p. 39-58, jul./dez. 2001. Disponível em: <[http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/656/597](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/656/597)>. Acesso em: 10 maio 2016. Fora de *timing* escrevi uma tréplica que acabou não sendo publicada. Caso queira o leitor, pode pedir-me o texto, eis que não foi publicado.

<sup>16</sup> KRUSE, Marcos. Participação das Crianças na Ceia do Senhor: Avanço Aparente. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 31, n. 3, p. 284-288, jul./dez. 1991. Disponível em: <[http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/1010/973](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1010/973)>. Acesso em: 10 maio 2016.

[...] a fé pessoal real não pode ser determinada em nenhuma idade da vida da pessoa, e é uma tentação de desonestidade quando, por exemplo, o ato quase sacramental da 'confirmação', aos catorze anos, é considerado uma questão de livre decisão para a Comunidade Espiritual. As reações de muitas crianças já quase imediatamente após sua declaração solene e emocionalmente exagerada de compromisso cristão, mostram o caráter psicologicamente insano e teologicamente injustificável desse ato.<sup>17</sup>

Mas, por que se fala da confirmação no contexto do fracasso protestante? A resposta à indagação é simples. A confirmação marca uma tentativa [fracassada] de fazer com que a forma teológica do protestantismo venha enfrentar as indagações críticas fundamentais do tempo em que se consolidou o rito da confirmação no seio do luteranismo institucionalizado. A confirmação abriu o flanco às contradições da ordem práxis contra uma teologia que se poderia chamar coerente.

De outro lado, mesmo que a confirmação se tenha imposto, é certo que, do lado anverso, o luteranismo, aquele mesmo contra o qual protestou Kierkegaard, experimentou progressiva petrificação doutrinária. De fato e de verdade, o luteranismo, aqui tomado como paradigma do protestantismo, com seu jeito de ser, continua a identificar-se como uma denominação cristã adequada a séculos passados. Tal é o grau de inadequação ao tempo presente que não poucos cristãos das novas denominações cristãs têm enormes dificuldades em até compreender o que dizem e o que fazem os protestantes.

Explico que esta dificuldade de compreensão não surge do acaso. É parte integrante do fracasso protestante e este fracasso está enraizado em inequívoca perda no front da comunicação. O discurso protestante não guarda conexão com o tempo presente e isto se deve, grande parte, às enormes dificuldades de conversão dos valores de fé assumidos pela ótica protestante face a outras lógicas discursivas. Isto significa dizer que o luteranismo ao se petrificar histórica e doutrinariamente encerrou-se no hermetismo discursivo e daí, já não mais tinha no passado nem tem no presente interlocutores para diálogo.

Tal situação se constata pelo progressivo descomprometimento social da teologia protestante. Na verdade, o descompromisso se faz pela própria estratificação social do contingente luterano. Tal qual o calvinismo, o luteranismo se moldou pela confluência dos interesses burgueses. Não é novidade a anedota que a Confissão de Augusburgo é, na verdade, a Confissão de Alguns Burgos. A teologia de Lutero e também, como já aduzido, dos Reformadores, descobrira os princípios da justificação pela graça e fé acabou aprisionada dentro da lógica burguesa, motivo pelo qual o protestantismo clássico é, *grosso modo* e via de regra, desconectado do mundo operário.

O caso de Johann Christoph Blumhardt (1805-1880), ao invés de confirmar a regra, estabelece a exceção. Blumhardt foi um dos articuladores do socialismo religioso. Não é que

---

<sup>17</sup> TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 1987 [1967]. p. 551. Paul Tillich, é bom esclarecer, foi teólogo luterano.

Blumhardt tivesse uma congregação particularmente operária em Möttlingen e sim, que ele precisava encontrar uma resposta para o desafio que se colocou à fé cristã com os escritos de Karl Marx (1818-1883). Blumhardt, depois de trágicos incidentes relacionados à senhora Gottlieb, acabou por tornar-se exorcista<sup>18</sup> e, em tal desiderato reuniu multidões que foram ouvir-lhe as pregações.

O ponto distintivo da elaboração teológica de Blumhardt foi a recusa ao individualismo que se afirmava tanto nos círculos pietistas quanto nos círculos ortodoxos. Aí, neste retrato do passado, o caso é que o Evangelho assumiu interface social. O Reino de Deus viria do futuro para invadir o presente e com isso a teologia respiraria os ares da escatologia no cotidiano. Adolf Schlatter foi um dos notáveis teólogos que se banhou nesta tradição social do Evangelho. Isto até que o luteranismo histórico, sob o pretexto de neutralizar o marxismo e as leituras revolucionárias de transformação da realidade social optou por reforçar a autoridade e a ordem constituída sob pretexto de adequar-se a Romanos 13.

Os teólogos que se articularam contra tal orientação perfizeram um grupo à parte, fora da linha consolidada do protestantismo oficial. É o caso da teologia da resistência (posteriormente, Igreja Confessante) que se esboçara a partir das conseqüências da 1ª Grande Guerra e cujos representantes maiores foram Karl Barth, Rudolf Bultmann, Paul Tillich e, depois, Dietrich Bonhoeffer e Martin Niemöller. Esta teologia confessante significa, a rigor, uma teologia contra-protestante e que veio ganhar relevo graças à supressão da ortodoxia do protestantismo pela sucumbência do fascismo europeu. De outro viés e para dizer a coisa de outro modo, a derrota do nazi-fascismo importou a derrota do protestantismo histórico.

De fato, quando se fala em protestantismo é preciso considerar que este se formatou na Europa e na Alemanha em especial, como Movimento Cristão Alemão (*Deutsche Christen*). Este é o protestantismo de raiz que fracassou ou, para dizer em outros termos, o protestantismo desaguou nas confluências ideológicas que deram vazão às doutrinas fascistas, razão pela qual, não podiam mesmo contar com respaldo no meio operário.



**Ilustração 1: Bandeira da cristianismo alemão sob o nazismo**

<sup>18</sup> BLUMHARDT, Johann C. *Blumhardt's Battle; A Conflict with Satan*. Minnessota: Thomas E. Lowe, 1970. 63 p.

Entre as criativas leituras promovidas e sustentadas pelo cristianismo alemão estava a figura de Adolf Hitler como complemento iluminado da reforma protestante. Neste sentido e como símbolo do protestantismo culturalmente adaptado vem à tona as figuras de Ludwig Müller (1883-1945) que ativamente lutou pela estruturação da *Reichskirche* (Igreja do Império [alemão]), de Walter Hoff, pastor luterano que pessoalmente participou do extermínio de judeus na Bielorrússia e do pastor Friedrich Coch, consultor do NSDAP (*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei*) para assuntos da Igreja. Este movimento protestante ganhou as eleições eclesásticas em 1932 e com isso se iniciou um largo processo de silenciamento das oposições. E certamente, a Igreja Confessante fazia parte destas oposições silenciadas.

Mas, o que, raios, estamos dizendo aqui? Dizemos que o protestantismo como tal, desde sua origem histórica e por seus fundamentos doutrinários haveria de normalmente direcionar-se para uma configuração cultural de permeio do Estado. Quer dizer que religião protestante, Estado e cultura faziam uma unidade de sentido e que, por isso, não é surpresa nem fora de mão compreender que nazismo e protestantismo tinham muitas coisas em comum.<sup>19</sup> De fato, o protestantismo alemão maciçamente apoiou e votou em Adolf Hitler para assumir o controle na Alemanha. E, curiosamente, para pensarmos o caso brasileiro, não é de se admirar que muitos protestantes se contentariam em votar em Jair Bolsonaro para Presidente do Brasil. Isto porque, como se disse antes, alguns valores históricos mais fundamentais do protestantismo socialmente estratificado se encaixam perfeitamente dentro do discurso fascista. A opção burguesa involucrou a mensagem e a doutrina protestante.<sup>20</sup> Este é o abacaxi da coisa.

Até aqui apontamos a existência de uma determinada ortodoxia luterana que estava e está bem moldada à configuração do Estado, este sempre pensado na lógica e ótica burguesa. Trata-se aí, de grande aprofundamento da lógica burguesa que toma o Estado como representante de seus próprios interesses. Neste sentido, há que falar-se em protestantismo de Estado. A separação de Igreja e Estado é, para tal protestantismo, apenas retórica. O Estado em sua configuração burguesa representa a condensação dos anseios sociais e de classe do protestantismo. É o caso de pensar-se num jeito próprio de ser

---

<sup>19</sup> Veja ainda a entrevista de Stephan Linck disponível em: LINCK, Stephan. Luteranos: o mea culpa sobre Hitler. Entrevista com Stephan Linck. *IHU-Online*, São Leopoldo, 25 fevereiro 2014. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/528647-luteranos-o-mea-culpa-sobre-hitler-entrevista-com-stephan-linck>>. Acesso em: 02 maio 2016.

<sup>20</sup> Neste sentido, a opção interpretativa que faço não privilegia a desagregação de elementos causais da opção fascista. De fato, o fascismo tem uma essência da qual não consigo separar o ideário burguês protestante. O fascismo persegue sem tréguas os partidos e sindicatos socialistas e, entre um e outro lado, o protestantismo burguês fica com o fascismo. POLANYI, Karl. *La Esencia del Fascismo. Textos Escogidos*, Buenos Aires: CLACSO & Universidad Nacional de General Sarmiento, 2012. p. 203-229. Tristemente observa Polanyi, neste artigo de 1935 que “[...] incluso en la Alemania de hoy, los pacifistas cristianos y los socialistas religiosos están tan excluidos como siempre del círculo de las Iglesias oficiales. Lo mismo se aplica a los socialistas religiosos en Austria. Ni siquiera la persecución compartida pudo salvar la brecha entre la viva fe de los revolucionarios cristianos y el cristianismo organizado.” (p. 204).

protestante como jeito próprio de ser adequado e pacato cidadão. De fato, cuida-se de manter intacta a noção básica de cristandade e a cristandade protestante é um tipo de lógica discursiva que se contenta em ser mais do mesmo.

Mas, qual é o problema de tudo isso? O problema é que já se pode prever que a próxima cristandade que se prenuncia no horizonte, despachará o protestantismo. O protestantismo histórico que completa seu aniversário de 500 anos não estará presente no futuro; ele não se fará representar.<sup>21</sup> Este sim, é o sinal indefectível do fracasso ao qual nos referimos até aqui. Vamos adiante com estas reflexões!

## **Autenticação do Fracasso**

### *O neopentecostalismo*

#### O Esforço Próprio

Do lado oposto à lógica discursiva do protestantismo, em especial ao primado da justificação por graça e fé vem o movimento pentecostal e neopentecostal. A teologia pentecostal, em que pese haver certa possibilidade de ser traçada sua história desde os inícios da igreja cristã, tem sua origem determinada desde o *movimento de santidade* que teve como representante notável o pregador John Morgan, em fins do século XIX e logo nos inícios do século XX.

O que se pode considerar o pentecostalismo clássico tem também a ver com William J. Seymour, pregador negro que iniciou pregações em Houston, Texas e foi convidado a ir para Los Angeles e sua pregação *incendiou* e provocou o surgimento do pentecostalismo no ano de 1906. Este pentecostalismo clássico se fixou logo no Brasil pelo trabalho pioneiro de Luigi Francescon (Congregação Cristã no Brasil) além da dupla Daniel Berg & Gunnar Vingren (Igreja Assembléia de Deus). Atualmente, o pentecostalismo registra quase 600 milhões de seguidores em todo mundo.

Não é, por certo, o foco deste artigo falar sobre a história ou doutrinas do pentecostalismo. O foco é destacar a ocorrência de uma profunda inversão doutrinal pentecostal e neo-pentecostal exatamente nos fundamentos da justificação por graça e fé. No pentecostalismo e notadamente no neo-pentecostalismo não vem mais ao caso referir-se à justificação por graça e fé como dons da divindade e sim, falar notadamente da fé como algo que a pessoa possui *interna corporis*. O sucesso pentecostal em oposição ao fracasso protestante é exatamente este, que a fé e a graça de Deus são coisas que já estão aí, disponíveis a qualquer um que pretenda se apossar de tal bênção.

É similar ao aponte que faz Slavoj Žižek ao comentar o filme *Kung Fu Panda*. A força não está em algo *extra nobis*; a força está em ti mesmo, ó urso Panda. Te olhas no espelho e

---

<sup>21</sup> JENKINS, Philip. *A Próxima Cristandade*. A Chegada do Cristianismo Global, Rio de Janeiro: Record, 2004. 346 p.

verás o teu rosto, verás a ti mesmo. Aí encontras o ingrediente secreto que não existe. Não existe tempero secreto na sopa do papai ganso como também não existe ingrediente secreto para que um urso balofo se torne um novo Kung Fu, um novo dragão guerreiro. É assim então que “(...) as coisas se tornam especiais porque as pessoas acreditam que elas são especiais.”<sup>22</sup>

Mas, barbaridade, basta que se antenem os ouvidos nos muitos canais de televisão que propagam o carisma de nosso tempo para que se ouça a mensagem de que todos são Kung Fu Panda em potencial. Indaga o pastor (padre, bispo, reverendo, apóstolo, missionário ou seja lá o que for) ao fiel que chega até o templo se este tem fé. “Sim, eu tenho muita fé! Aleluia, glória a Deus.” O raio da fé já está lá, é pressuposto, é *conditio sine qua non* para que os milagres desejados e almejados aconteçam. Sem esta fé embutida, nada acontece. Está embutida a fé e agora, tudo o que vem em seqüência vem como confirmação da fé que já se admite de antemão. Nada de fé que vem pelo simples ouvir da Palavra de Deus. Nada de fé que vem de fora como dádiva. A fé que importa em tais demonstrativos é a fé que realiza as coisas. É pela fé, pela crença em si mesmo já que não existe segredo, que as coisas acontecem. É pela fé que eu me torno Kung Fu Panda, que eu tenho sucesso, que eu realizo o impossível. Mesmo que a fé em tal situação não exista (não há ingrediente secreto), isto realmente não importa.

Daí também que, a exemplo do marketing televisivo, os exemplos de realização da fé se tornam ingredientes essenciais para fundamentar a pregação do pentecostalismo contemporâneo. Nada de mostrar os fracassos porque estes revelam a falta de fé. Ou, para inverter a coisa, os fracassos acontecem como conseqüências da falta de fé. Fé, ao contrário da pregação do protestantismo histórico, não é mais o alvo a alcançar; fé é o meio para que se alcancem os fins almejados e estes se apresentam como sucesso, plenitude, prosperidade. Afinal de contas, é pela fé pentecostal que as pessoas se tornam filhas de Deus e, com isso, passam a viver no horizonte da bem-aventurança terrena.

Se o leitor prestou bem atenção à inversão do discurso, vai dar-se conta de que algo gravíssimo ocorre aí. De fato, não se trata, apenas, de uma inversão discursiva, de uma outra forma de apresentação do Evangelho e sim, conforme a ótica protestante histórica, houve perda da própria essência do Evangelho. E o lado obscuro, tétrico, terrível disto é que a justificação por graça e fé não conseguiu encontrar formas de permear a sociedade. Ao assumir o lugar social da burguesia, o protestantismo perdeu o contato com a massa operária e aí deixou os pobres e necessitados sob o ataque dos lobos. Ao rechaçar o marxismo e o socialismo no século XIX, o protestantismo perdeu de vez o seu potencial

---

<sup>22</sup> ŽIŽEK, Slavoj. *Viviendo en el Final de los Tiempos*. Madrid: Ediciones Akal, 2012. p. 80. Adiante, “[...] és somente tu. Para fazer algo especial apenas tens que crer que és especial.” Esta fórmula faz com que o destemido fetichismo (a fenda) adquira sua máxima expressão; sua mensagem é: ‘Sei muito bem que não há qualquer ingrediente especial, mas, não obstante creio nele (y ajo conseqüentemente)’. A denúncia cínica (a nível de conhecimento racional) está contraposta pela chamada crença ‘irracional’; esta é a fórmula mais elementar do modo como funciona a ideologia na atualidade.” (p. 83).

discursivo transformador, razão pela qual vai sendo paulatinamente engolido pela história. Vai tornando-se irrelevante e, ao seguir a correnteza, não terá lugar futuro reservado para as disputas teológicas essenciais. Por isso que se pode e deve falar em *fracasso protestante*.

Vamos adiante, mesmo que doa.

### *O individualismo teológico*

O fracasso protestante pode ser mensurado de diversas formas e por diversos elementos. Destaco apenas um ponto que pode ilustrar o problema teológico a que chegou o protestantismo. O ponto básico de inflexão temático se dá em torno do indivíduo. Afinal de contas, em se admitindo a teologia Panda, cada um deve ser, deve tornar-se um Panda em si e por si mesmo. Não há lugar para uma comunidade Panda, exceto se esta se compuser, sempre de indivíduos que tenham alcançado o grau de Dragão Guerreiro. A Igreja, em tal visão teológica Panda, seria uma multidão de dragões guerreiros a infestar o espaço social.

Mas, aí, novamente, chamo a atenção para a gravidade teológica da questão assim posta. A Igreja em tal acepção pentecostal deixa de ser congregação em torno de Cristo para tornar-se o *lugar* dos indivíduos que professam a mesma fé ou crença comum. A Igreja não nasce do Evangelho; nasce da fé que se subentende e se admite pressuposta. A Igreja, em tal acepção, é um construto humano. O exemplo dos hinos é bastante salutar neste contexto. De tal provisão, não tomarei em comento os hinos no particular; os tomarei pelo conjunto da obra. Para facilitar, sublinho os conceitos que entendo relevantes para evidenciar o que se aduz.

### **A hinologia**

Na mesa, o pão, o vinho também	Se acontecer um barulho perto de <u>você</u>
No peito, uma dor, com aquilo que vem	É um anjo chegando para receber
De um lado, um sorriso, do outro, traição	Suas orações e levá-las a Deus
Ele abençoa e parte o pão	Então <u>abra o coração</u> e comece a louvar
E lava os pés daqueles fiéis	<u>Sinta</u> o gosto do céu que se derrama no altar
E mesmo o traidor recebe assim	Que um anjo já vem com a benção nas mãos
Deu vinho e o pão ao invés de rancor	Tem anjos voando neste lugar
Lavou nossos pés e enxugou com a dor	No meio do povo e em cima do altar
Naquele partir estava todo o <u>meu ser</u>	Subindo e descendo em todas as direções
Partido por mim e pelo <u>meu viver</u>	Não sei se a igreja subiu ou se o céu desceu
No vinho, o amor; no sangue, o perdão	Só sei que está cheio de anjos de Deus
Em seu meigo olhar, a <u>minha salvação</u>	Porque o próprio Deus está aqui
Naquele partir estava todo o <u>meu ser</u>	Quando os anjos passeiam a igreja se alegra
Partido <u>por mim</u> e pelo <u>meu viver</u>	Ela canta, ela chora, ela ri e congrega
No vinho, o amor; no sangue, o perdão	Abala o inferno e dissipa o mal
Em seu meigo olhar, a <u>minha salvação</u>	<u>Sinta</u> o vento das asas dos anjos agora
Um hino cantou depois de ceiar	<u>Confia</u> irmão pois é a <u>tua</u> hora
E era o louvor que vinha preparar	A benção chegou e <u>você</u> vai levar
A maior canção cantada na cruz	Tem anjos voando neste lugar

Escrita na Ceia pelo meu Jesus  
 Naquele partir estava todo o meu ser  
 Partido por mim e pelo meu viver  
 No vinho, o amor; no sangue, o perdão  
 Em seu meigo olhar, a minha salvação  
 Naquele partir estava todo o meu ser  
 Partido por mim e pelo meu viver  
 No vinho, o amor; no sangue, o perdão  
 Em seu meigo olhar, a minha salvação<sup>23</sup>

No meio do povo e em cima do altar  
 Subindo e descendo em todas as direções  
 Não sei se a igreja subiu ou se o céu desceu  
 Só sei que está cheio de anjos de Deus  
 Porque o próprio Deus está aqui<sup>24</sup>

Existe um lugar na fenda da rocha, bem junto  
 a Ti  
 Em Tua presença, em Tua presença  
 Existe um lugar aconchegado ao Teu coração  
 Em Tua presença, em Tua presença  
 Existe um lugar onde o orgulho não vai me  
seduzir  
 Onde o dinheiro, a fama, os aplausos  
 Não podem me comprar  
 Em Tua presença, Senhor  
 Em Tua presença, Senhor  
Eu quero estar e mergulhar  
 Descansar em Teus braços de amor  
 Em Tua presença, Senhor  
 Em Tua presença, Senhor  
 Vou me esconder, Tu és meu prazer  
 Em Tua presença é o lugar  
 Onde eu quero habitar<sup>25</sup>

O vento balançou, meu barco em alto mar  
 O medo me cercou, e quis me afogar  
 Mas então eu clamei, ao Filho de Davi  
 Ele me escutou, por isso estou aqui  
 O vento ele acalmou, o medo repreendeu  
 Quando Ele ordenou, o mar obedeceu  
 Não temo mais o mar, pois firme está minha  
fé  
 No meu barquinho está, Jesus de Nazaré  
 Se o medo me cercar, ou se o vento soprar  
 Seu nome eu clamarei, Ele me guardará  
 Não temo mais o mar, pois firme está minha  
fé  
 No meu barquinho está, Jesus de Nazaré  
 Se o medo me cercar, ou se o vento soprar  
 Seu nome eu clamarei, Ele me socorrerá<sup>26</sup>

Vem, vem, vem espírito santo de amor  
 Vem saciar minha sede  
 Vem conduzir meu barco em alto mar  
 Oh! Vem espírito santo  
 Espírito santo de amor<sup>27</sup>

Ao lhe encontrar Pude entender  
 O sacrifício que por mim ofereceu  
 Por me amar se entregou  
 Pagou o preço para eu poder viver  
 Eu aceito em minha vida o seu sacrifício de  
 amor  
 E me entrego inteiramente ao meu Senhor  
 Pois minha salvação encontro ali no sofrer de  
meu Jesus  
Me trouxe liberdade, amor sem fim  
 O meu viver a ele eu dou  
 E sobre o pecado triunfou  
 Ao vencer naquela cruz  
Eu eternamente irei viver ao lado de Jesus  
 Ao contemplar o seu amor  
Eu posso ter certeza que ele voltará

<sup>23</sup> Música Vinho e Pão de Fernanda Brum. Interessante mesmo é observar que o hino se refere aos fiéis (plural) que tiveram os pés lavados (plural)! Mas, tudo isso para que, em seguida, se volte ao me, mim, comigo mesmo. Não há Igreja, não há nós. Não há salvação que se pense plural.

<sup>24</sup> Aqui, a música é do Pe. Marcelo Rossi. A letra ainda se refere à igreja, ao povo. Mas, não se pode ignorar que o centro temático é o indivíduo.

<sup>25</sup> Música *Em tua presença* de Fernanda Brum.

<sup>26</sup> Música da cantora Cassiane. Outra gravação do mesmo hino é de Giselli Cristina. A composição é de Moyses Cleiton.

<sup>27</sup> Hino do Ministério Terra Nova.

---

E então terei como expressar  
Meu desejo de um dia o encontrar  
Poderei agradecer por tudo que ele fez por  
mim  
 E num lar de paz eu viverei enfim.<sup>28</sup>

---

Chega de exemplos porque eles seriam praticamente incontáveis e enumeráveis. A que se referem os hinos que estão em voga no universo religioso de nosso tempo? Se referem ao eu, àquela pessoa que não tem qualquer ingrediente secreto, exceto a sua própria fé. É a profusão da teologia voltada ao indivíduo. É a teologia implosiva, destrutiva. Nada há para construir exceto o construir-se em direção ao sucesso. Não há igreja, não há povo. O barco não mais é a Igreja; o barco sou eu e o Cristo tem de vir para estar comigo no meu barco. Trata-se, digamos francamente, de uma nova teologia que implode o conjunto da fé cristã. Nova teologia forjada e determinada pela mesma lógica discursiva que vige no mundo capitalista. Jesus não tem dentes no país dos banguelas mas, mesmo assim, vai ao McDonalds. É a tal da macdonalização evangélica contemporânea.<sup>29</sup>

Enquanto o protestantismo fala em recepção da graça de Deus como algo que vem de Deus e que pode ser vivida no seio da Igreja e da sociedade, o novo pentecostalismo pressupõe que as pessoas já tenham a fé suficiente para superarem os seus problemas terrenos. A linguagem nova é a busca da vitória que se anuncia como palavra profética. A linguagem antiga, fracassada, é a que anuncia a vitória de Cristo, no passado como força de Deus para a vida cotidiana. Para o protestantismo fracassado a vida que importa é a vida de Cristo. Para a nova configuração crística do presente, o que se anuncia é a vida do crente em direção ao sucesso. Todos os que aceitam a mensagem haverão de ser dragões guerreiros, serão vencedores, cada um por si só. A Igreja é apenas um detalhe porque não mais é projeto a se construir. O modelo não mais é de comunidade para onde se dirigem pecadores; é de hospital para onde se dirigem pacientes que necessitam ser curados para encontrarem, restaurados, a prosperidade.

## O sucesso

A lógica que cerca todo o discurso novo religioso é a lógica do sucesso. Trata-se da oferta de plenitude em que as pessoas se apossam da filiação divina. O lugar de cada um é o lugar da vitória. Estes lugares são preenchidos por privilégios. Privilégios como o de poder

---

<sup>28</sup> Música Minha Salvação de Riane Junqueira.

<sup>29</sup> ROSSI, Luiz Alexandre Solano. *Jesus vai ao Mc Donald's*; Teologia e Sociedade de Consumo, São Paulo: Fonte Editorial, 2008. 214 p. É como diz o autor, "por muitos anos, a teologia da prosperidade olhou para o Evangelho e para a história, a partir de uma posição superior. O resultado não é uma igreja para o pobre, mas uma igreja de cristãos que só olham para o pobre a partir da posição privilegiada que a riqueza lhes dá." (p. 203).

fazer parte dos 1.000 sacrificantes que doam R\$ 1.000,00 para receberem a grande bênção de estarem em lugares VIP para ouvirem a pregação de Benny Hinn.<sup>30</sup>

O significado profundo de tudo isto é que a explosão pentecostal convive na mesma proporção da implosão do protestantismo. Tudo isto se agudiza pela incapacidade reativa do protestantismo ao que ocorre no presente. E, não se trata de admitir uma hermenêutica simplória dos fatos. Ou seja, não dá para rotular o novo pentecostalismo em suas muitas interfaces como heresia. A heresia atributiva não explica os fatos. Não adianta, por exemplo, dizer que a bela Adriane de Carvalho, a assim chamada Apóstola Sol e Primaz da Igreja Reino dos Céus seja a mais nova heresiarca do momento.<sup>31</sup> Ela diz, apenas, que é aquela, a própria que amaldiçoou o diabo e o chamou de desgraçado! Ela diz ser um milagre do céu. O x da questão é, mais uma vez, simples. Há muitas pessoas que acreditam no que ela diz. Ou seja, o caso aqui diz respeito à comunicação, aquele campo de batalha em que o *protestantismo histórico* fracassou e foi derrotado. Para ela, tal como qualquer novo e velho pentecostalismo “*sacrifício gera milagres*”.<sup>32</sup>

Os milagres são outra palavra para sucesso. E o sucesso, dentro das regras do mercado capitalista, dependem da batalha de cada um. Nada de coisa grátis (*there is no free lunch*). Daí que também uma fé verdadeira não pode ser grátis; ela tem que reportar-se aos sacrifícios e à compra das indulgências. De outro modo, o viés analítico pertinente é que uma religião de indulgências é muito mais compreensível e crível do que a gratuidade à qual se reporta o protestantismo.

Sem dúvida, logo virão as trincheiras do exército protestante batendo furiosamente contra a suposição do parágrafo supra. Especialmente porque, ao lançar fora a água suja, foi-se também a criança. Pois é! Só que esta criança, o valor ao qual se reporta o protestantismo, não conseguiu fazer-se valer. As pessoas não entendem (falha comunicativa), não confiam e o substrato social do protestantismo impede que a fala da

---

<sup>30</sup> Veja a notícia em <https://noticias.gospelprime.com.br/area-vip-benny-hinn-mil-reais/> [Internet], acesso em 02 de maio de 2016. E note como o protestantismo não conseguiu compreender a nova lógica teológica que se articula. A teologia sacrificial aponta, certamente, para um esforço do ofertante. Mas, é exatamente este esforço pessoal (teologia das obras) que se substitui como nova pregação evangélica. É pelo sacrifício que se alcança o privilégio de ser VIP. Nada de gratuidade, nada de Evangelho barato. A crítica protestante fracassada se faz ao sabor da descrença (ou seja, se porta como atéia) como se o fato de alguém doar a sua vida em função daquilo que acredita fosse algum tipo de desperdício. O problema é, mais uma vez, que a lógica discursiva do protestantismo não conseguiu encontrar seu espaço social. O problema do protestantismo é que este perdeu a guerra da comunicação. Se tal assunto fosse periférico, pouca importância teria. A questão que se põe aqui é que esta comunicação jaz no centro teológico do próprio protestantismo. Em outras palavras, a justificação pela graça e fé, que se admite como centro consensual do protestantismo e centro da própria profissão de fé do protestantismo não conseguiu encontrar eco social, razão pela qual o protestantismo perdeu, por falta de ouvintes, o seu centro teológico. Ouso dizer que, a bem da verdade, o protestantismo histórico pode contar nem com os seus membros regulares e ativos como propagadores deste centro nevrálgico consensual protestante. A doutrina da justificação por graça e fé tem pouco a ver com o cotidiano burguês em que está imerso o protestantismo histórico.

<sup>31</sup> Veja o site <http://www.tvreino.com.br/> [Internet], acesso em 02 de maio de 2016.

<sup>32</sup> Veja o vídeo em [https://www.youtube.com/watch?v=7mqopzSH\\_Gk](https://www.youtube.com/watch?v=7mqopzSH_Gk) [Internet]. Assista! É muito bom. As mulheres terão o seu espaço de dragões guerreiras, também elas serão Kung Fu Pandas.

gratuidade faça sentido. É o caso das quermesses protestantes feitas para angariar lucro. Não é festa de e para pobres; é festa para pagar as despesas incorridas na manutenção da religiosidade protestante. Não tem jeito. Gratuidade é palavra que, na *práxis*, é desconhecida pelo contingente protestante. Se os protestantes a desconhecem, quanto mais o *povão* que todo dia recorre às ofertas televisivas do neopentecostalismo.

Para dizer de modo mais tétrico, falta ao protestantismo um jeito inteligível de dizer as coisas que entende serem importantes. De que adianta falar em comunidade se a realidade prática (a tal da *práxis*) do protestantismo em nada aponta para a vivência comunitária. De que adianta falar em Igreja como contraponto ao individualismo se o protestantismo está bem adaptado ao jeito burguês de ser, inclusive na configuração de ser Igreja? O resumo da ópera é que a fé protestante simplesmente fracassou.

### *A falta de projeto conjunto viável*

O ano de 2017 é, para o universo do protestantismo, alvissareiro. Afinal de contas, comemora-se os 500 anos da Reforma protestante. Que tipo de comemoração se vai esboçar? Seria o caso de alguma festividade triunfante? Ou, de alguma profunda reavaliação dos caminhos trilhados? A meu sentir, a ênfase maior estará no discurso triunfante. Mas, certamente que a autocrítica se fará presente. Não estarei sozinho, penso. E, quando coloco em objetivação a questão até aqui abordada, sou levado à compreender que qualquer solução aventada deve orientar-se por um projeto que se ladeie pela viabilidade. Afinal de contas, de nada adianta por em marcha quimeras irrealizáveis para enfrentar os problemas que se percebem na frente do nariz. Então, falemos do que é, não apenas viável mas que também é necessário fazer.

Se o leitor chegou até aqui pode ter percebido que o que se escreve não tem como objetivo a crítica pura da razão protestante. Se há preocupação com o tema é porque, no fundo, se entende que aquele princípio de consenso protestante é, de fato, fundamental. A fundamentalidade do princípio decorre da percepção de que ali, na fala da justificação gratuita esteja o espelho do próprio Evangelho que a fé cristã recebeu. É ali e não em outro *locus* que ocorre tanto o anúncio da libertação quanto a libertação em si mesma. O caso é tão decisivo que nele viu W. Groll as razões para que se pudesse falar em diferenças entre a Teologia da Libertação e a Teologia Luterana.<sup>33</sup>

---

<sup>33</sup> GROLL, Wilfrid. *Visão Luterana da Teologia da Libertação*, In: **Reflexões em torno de Lutero III**, São Leopoldo: Sinodal, 1988, pp. 67-85. Tive a honra de ser um dos ouvintes desta palestra que se converteu em artigo e, naturalmente, pode ensejar confusões. Isto porque Groll, ao falar da liberdade cristã estaria pressupondo uma liberdade de caráter ambíguo. De fato, se a liberdade cristã não acontece nos processos históricos, onde mais poderia ocorrer? Se a libertação, anunciada dentro do escopo luterano, tivesse de ocorrer fora ou independentemente dos processos históricos, isto não levaria à admissão de uma *transhistória* em que, nesta, haveria sentido o anúncio querigmático? Na verdade, a atenta leitura deste artigo somente faz sentido se a liberdade cristã manifestar-se como ato livre em favor dos outros, tal qual

Ou seja, *id est*, ao rejeitar-se a justificação por graça e fé se rejeita, não apenas o protestantismo como, de fato, a própria fé em Cristo. Quer dizer, não importa que o sucesso religioso do presente fale de outras coisas, que fale do sucesso, que pretenda vender indulgências, que queira transformar os ouvintes em Kung Fu Pandas. Não importa! Importa, isto sim, se a Igreja de Cristo consegue entender e compreender que “[...] em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos.” (Atos 4,12) e ainda que “[...] ninguém pode por outro fundamento, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo.” (1 Coríntios 3,11).

O caso diz respeito, então, à submissão da Igreja ao Evangelho e isto significa, em outras palavras, saber que ela nada pode fazer para substituir o legado tradicional que carrega como mensagem. É o caso de, ao olhar o Kung Fu Panda o espelho encontrar, não a si mesmo, e sim, Jesus. É o caso de se encontrar o ingrediente secreto da sopa em Jesus de Nazaré, este crucificado e morto *pro nobis*. Não tem jeito, não é possível abrir mão do consenso protestante em favor do sucesso eclesial empresarial. Aqui vive e morre a Igreja, quer se goste ou não de tal radicalidade.

Isto posto, o caso é que a crônica de um desastre anunciado, qual seja, o fracasso da Reforma tem de chamar os protestantes ao arrependimento e conversão. O fato do protestantismo ter-se alugado para os poderes deste mundo é grave. O fato de ter deixado de lado o Evangelho para ouvir outras cantilenas é grave. O fato de não ter visto o que devia ter visto é grave. Mas, em que pesem tais gravidades e outras que se poderia adicionar, fato é que, diferentemente do pentecostalismo e neo-pentecostalismo de hoje, penso que as possibilidades conversivas do protestantismo, o humilde ouvir do Evangelho, está deste lado do front. E, agora o leitor pode perceber que eu, em que pese não mais ser pastor do jeito como fui treinado para ser e também não ser protestante do jeito convencional, coloque-me também neste mesmo barco. Por colocar-me em tal barco é que escrevo as linhas deste artigo.

Também escrevo porque penso que a celebração de aniversário do protestantismo pode significar o prenúncio de um protestantismo renovado. Para isso, teremos (e agora já falo em nós porque acabei me incluindo como interessado) de promover mudanças protestantes no protestantismo. Destaco apenas uma mudança que considero expressiva porque também este artigo deve chegar ao seu ponto final.

Mudança expressiva diz respeito à forma e ao conteúdo da conversa. O protestantismo não pode continuar falando coisas do mesmo jeito como tem falado até aqui. Isto significa, na esfera da *práxis* que é preciso ter muita clareza quanto ao que se fala e a

---

se identifica nos Evangelhos, tenha sido o agir de Jesus de Nazaré. Não há liberdade possível fora da história porque somente tem sentido falar em liberdade cristã na história da mesma maneira que somente tem sentido falar em cruz de Cristo como evento na história e não fora dela. E, *evento histórico* não decorre da prova de sua historicidade (advertido aqui pela perspicácia bultmaniana) mas sim, de que a fé recepciona aquele evento como ocorrido na história.

quem se fala. O paradigma tem de mudar. É preciso arriscar muito mais. Fazer um milagre a exemplo do que está sendo feito pelo irmão Francisco, levado pelo Espírito Santo para liderar a Igreja de Roma. Não se trata apenas de conversa. É uma nova práxis da liderança da Igreja. Não é possível deixar o operariado à mercê dos lobos. Se o protestantismo não tem em suas fileiras o operariado é porque fracassou e este fracasso tem de ser reconhecido e sanado por meio da penitência. O profeta Carlos Marx precisa ser batizado, mesmo que seja depois de morto e o protestantismo precisa ao lado do caminho da roça, aprender o caminho da fábrica e do escritório.

Falar a língua do povo significa saber o significado do salário, do desemprego, da insuficiência dos ganhos. Significa mudar a ótica da quermesse para um novo jeito da celebração. Se for o caso (provavelmente é), o pastorado tem de aprender a fazer tendas.<sup>34</sup> Se eu tomo a cidade em que moro, aqui teríamos de ter pelo menos 10 pastores protestantes. Só que isso não tem jeito de acontecer sem uma nova dança. O fato é que a música mudou e ficar no trinário 1, 2, 3, como funcionava no passado (mal e mal, convenhamos) já não mais funciona no quaternário.

Tem que mudar. É preciso ter coragem. Muito mais coragem do que se viu do inosso apelo ao diálogo quando o conflito de classes estava pegando fogo. Ao trair a classe obreira, não pode o protestantismo esperar que, *a posteriori*, os trabalhadores vejam na Igreja alguma decência. O carisma explicitamente coloca em suas orações que Deus olhe, proteja e ampare o juiz Moro. O protestantismo teria de, até em atendimento às ponderações do apóstolo Paulo, colocar, quem sabe, o Moro e, ao lado dele, Dilma Rousseff e Lula em suas orações. Entre Javé e Baal não é possível conclamar ao diálogo. É preciso agir até porque, dentro do protestantismo, não poucos, estavam explicitamente vinculados ao discurso do moralismo típico do fascismo. Não dá para dobrar os joelhos diante de Baal. Isto já faz o novo e o velho pentecostalismo e o protestantismo também, a seu modo e no passado.

O que se coloca hoje em questão, em consideração aos sérios problemas políticos do Brasil, é a aposta cristã em um dos lados. Sim, porque Cristo tem lado, não é morno. Se o protestantismo ficar do lado do golpismo e dar a entender que não tem lado, vai, de novo, escolher o lado do fracasso. A esquerda proletária não perdoará o protestantismo se este tornar-se inosso. Para nada mais prestará, exceto ser jogado fora (Mateus 5,13). Mesmo que

---

<sup>34</sup> Este tema e a insistência no trabalho pastoral de tempo parcial, para quem me conhece, é quase trintenário. Quando vejo o trabalho do Pe Júlio, irmão que tive a felicidade de conhecer num encontro do CONIC, com a pastoral dos moradores de rua, pergunto-me, quem sustenta o seu trabalho? Não sei. Agora, quando eu olho para o trabalho dos pastores do protestantismo, sei quem sustenta o seu trabalho. Ganham pouco estes pastores. Mas, o trabalho pastoral custa muito para os membros protestantes e haveria de custar muito, muito mais para o proletariado. Então, para quem pensa na *práxis*, é preciso fazer as duas coisas. Tendas em direção ao proletariado. Coisa bacana mesmo. Na contramão, a aposta no celibato não me parece ser uma ideia adequada para a solvência do problema que se aponta aqui. Mas, não se pode, *a priori*, descartar tal proposição.

tenha carregado o princípio fundamental como doutrina, ter-se-á esquecido completamente do seu significado. Os dados estão lançados. *Alia jacta est!*

Mudar a conversa significa assumir os panos de saco, a cinza e o choro. Mudar significa colocar-se do lado de Cristo. E Cristo está do lado dos pequenos, dos lascados, dos sofredores. É, pela força da cruz que se sabe que este é o lado certo, lado de Deus. Não basta falar nos índios como violados se em frente dos nossos olhos se vê a carruagem passar e ladrarem os cães. Há que se entender o que passa. Entender e tomar posição. Entre a cruz e a espada, somente cabe a cruz. Se os fascistas que convivem com o protestantismo resolverem deixar o lado protestante, que assim o façam. Não pertenciam, na verdade, a este aprisco porque a cruz o define, pelo menos doutrinariamente. Que procurem estes a sua turma e que votem, alegres e festivos, com toda liberdade, em Jair Bolsonaro. O que não dá para manter, sob o véu esfarrapado de uma suposta neutralidade, é que convivam amistosamente os adeptos do fascismo e o povo lascado. Quando se admite tal treslouca possibilidade, faz-se vilipêndio da cruz porque se imagina que Jesus de Nazaré era apenas um subversivo que poderia ser domado e calado se fizesse parte do protestantismo.

## Conclusão

Do que se apontou, resulta ser imperioso que o protestantismo diga, afinal de contas, o que significa professar a fé na gratuidade do amor de Deus. Que diga para os pobres (porque estes Deus escolheu) o que significa depositar em Deus a confiança. Que diga, bem claro, o que significa assumir o discipulado e o que significa assumir a cruz de Cristo. Isto porque, não basta à profissão de fé banhar a cruz em ouro para que o sentido misterioso da cruz venha à luz. Pelo contrário, a cruz somente tem sentido quando se ampara na conflitividade histórica humana. A cruz não tem sentido a-histórico da mesma forma como não tem sentido falar em liberdade em abstrato. Não paira a cruz acima das dores. Faz parte e com elas convive. Se o protestantismo insistir em negar este caminho, pouco se poderá fazer para que este porte em sua pregação a verdade que se cristalizou na doutrina consensual que marca a gênese do que vem a ser protestantismo. Negar-se a si mesmo, neste caso, se faria, não em direção à cruz e sim, em direção ao favor do mundo. Em tal sinistro caso e hipótese, melhor seria nem comemorar o natalício. Nada haveria a comemorar.

## Referências

BLUMHARDT, Johann C. *Blumhardt's Battle; A Conflict with Satan*. Minnessota: Thomas E. Lowe, 1970.

BRAKEMEIER, Gottfried tentou replicar o artigo em Batismo e fé, sobre uma relação polêmica: réplica a Marcos Kruse. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 41, n. 2, p. 39-58, jul./dez. 2001. Disponível em: <[http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/656/597](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/656/597)>. Acesso em: 10 maio 2016.

DREHER, Martin Norberto. A História da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. In: BRAKEMEIER, G. (Org.). *Presença Luterana 1990*. São Leopoldo: Sinodal, 1989. p. 94-104.

FISHER, Joaquim. A Missão das Igrejas no Brasil 1500-1978 In: BRAKEMEIER, G. (Org.). *Presença Luterana 1990*. São Leopoldo: Sinodal, 1989. p. 60-75.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

GEORGE, Timothy. *Teologia dos Reformadores*, São Paulo: Vida Nova, 2004.

GROLL, Wilfrid. Visão Luterana da Teologia da Libertação. In: REFLEXÕES em torno de Lutero III, São Leopoldo: Sinodal, 1988. p. 67-85.

GUTHRIE JR., Shirley C. *Christian Doctrine*. Atlanta: John Knox Press, 1968.

HÄGGLUND, Bengt. *História da Teologia*. São Leopoldo: Concórdia, 1981.

JENKINS, Philip. *A Próxima Cristandade*. A Chegada do Cristianismo Global, Rio de Janeiro: Record, 2004.

KIERKEGAARD, Sören. *O Desespero Humano*. 6ª ed. Porto: Livraria Tavares Martins, 1979.

KRUSE, Marcos. Considerações sobre o batismo à luz do rebatismo e da teologia anabatista. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 40, n. 2, 2000, p. 53-76, jul./dez. 2000. Disponível em: <[http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/689/623](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/689/623)>. Acesso em: 10 maio. 2016.

\_\_\_\_\_. Participação das Crianças na Ceia do Senhor: Avanço Aparente. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 31, n. 3, p. 284-288, jul./dez. 1991. Disponível em: <[http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/1010/973](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1010/973)>. Acesso em: 10 maio 2016.

LINCK, Stephan. Luteranos: o mea culpa sobre Hitler. Entrevista com Stephan Linck. *IHU-Online*, São Leopoldo, 25 fevereiro 2014. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/528647-luteranos-o-mea-culpa-sobre-hitler-entrevista-com-stephan-linck>>. Acesso em: 02 maio 2016.

MOBERLY, Elizabeth R. *Homosexuality: A New Christian Ethic*. Cambridge: James Clarke & Co, 1983.

- NEUENFELDT, Eliane G. Diálogo entre a Leitura Popular e a Leitura Feminista da Bíblia. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 45, n. 2, p. 117-128, jul./dez. 2005.
- POLANYI, Karl. La Esencia del Fascismo. *Textos Escogidos*, Buenos Aires: CLACSO & Universidad Nacional de General Sarmiento, 2012. p. 203-229.
- RETAMERO, Márcio. *Pode a Bíblia Incluir? Por uma Leitura Inclusiva das Sagradas Escrituras*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2010.
- RICCOEUR, Paul. *A Memória, A História, O Esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- ROSSI, Luiz Alexandre Solano. *Jesus vai ao Mc Donald's; Teologia e Sociedade de Consumo*, São Paulo: Fonte Editorial, 2008.
- SANELLO, Frank. *Invisible People; History's Homosexuals Unhidden*, Los Angeles: Genesse Avenue Books, 2011.
- SIMONS, Menno. *The Complete Writings*. Ontário: Herald Press, 1956.
- TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 1987.
- WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. 5ª ed. São Paulo: Pioneira, 1987.
- ZINN, Howard. *La Otra Historia de los Estados Unidos*. Buenos Aires: Siglo veintiuno, 2011.
- ŽIŽEK, Slavoj. *Viviendo en el Final de los Tiempos*. Madrid: Ediciones Akal, 2012.